

A BENEFICÊNCIA ITALIANA EM SÃO PAULO: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DO “HOSPITAL MATARAZZO”.

Thaís Teixeira Dias da Conceição*

Este artigo consiste em apresentar os primeiros resultados da pesquisa de doutorado, cujo tema trata da imigração italiana para a cidade de São Paulo, e a criação de um hospital para atender as necessidades desse grupo crescente na capital. O objetivo desta pesquisa constitui-se em remontar a trajetória do hospital e buscar compreender algumas das causas que levaram ao encerramento de suas atividades.

O presente artigo diz respeito as primeiras etapas desta pesquisa, portanto, consiste em explorar a imigração italiana para a capital paulista e parte da história do hospital Umberto Primo, também conhecido como hospital Matarazzo. O Hospital, depois hospital Nossa Senhora Aparecida, prestou diversos serviços à população não só da comunidade italiana, que fundou o hospital, mas também a todos aqueles que necessitaram de atendimentos médicos independente de classe social.

Sua importância o torna um legítimo representante da comunidade italiana na cidade. Apesar disso, não há muitos estudos sobre o hospital, que tem sua importância reconhecida principalmente através do seu tombamento pelo CONDEPHAAT nos anos 80.

O conjunto arquitetônico que abrigou o hospital desde 1904, e que com os passar dos anos ganhou novos prédios, entre os anos de 1985/86 sofreu o pedido de tombamento de seus edifícios. Que foi justificado pela sua importância arquitetônica, sendo uma representante da presença italiana na cidade de São Paulo, e principalmente pela importância social adquirida através de seu caráter assistencialista.

Italianos e o crescimento de São Paulo

* Doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A imigração italiana para o Estado de São Paulo teve fluxos intensos, até 1880 o número de italianos que chegam são quase irrelevantes, mas a partir de 1877 esse processo se intensifica. Principalmente causada por questões políticas ou econômicas relacionadas à unificação italiana

Muitos italianos vão para as fazendas de café no oeste paulista, e outros se fixam como operários na capital. Entre os anos de 1877 e 1914 chegaram a São Paulo aproximadamente 840 mil italianos, o que fez com que São Paulo fosse uma “cidade italiana”, muitos italianos que se fixaram na cidade passaram a trabalhar nas indústrias, esse setor passou a ter os italianos como a maior parte de sua mão-de-obra. Essa massa de operários italianos ficou conhecida pelo seu envolvimento com greves e associações de trabalhadores, principalmente ligadas ao movimento anarquista.

Um dos maiores exemplos do sucesso da imigração italiana é o conde Francisco Matarazzo. Que começa sua trajetória de sucesso com uma pequena loja, depois passa a se dedicar a atividades industriais com uma pequena fábrica de banha enlatada, passou a importar farinha dos Estados Unidos, 1898 com dificuldades para importar o produto construiu o moinho Matarazzo, depois a fábrica de sacaria, e em seguida a criação da tecelagem, buscando produzir tudo o que lhe fosse necessário para a venda de seus produtos. Criando assim o que ficou conhecido como o “Império Matarazzo”, as indústrias Matarazzo são um dos maiores exemplos do crescimento e do processo de industrialização pelo qual a cidade passava.

São Paulo na primeira metade do século XX era considerada uma cidade fracionada, com áreas povoadas separadas criando de certa forma cidades dentro da cidade. A cidade cresceu, tanto por consequência das indústrias quanto pela imigração. A população da cidade que era de 300.000 habitantes em 1905, em 1980 saltou para 8.475.380 de habitantes, números que demonstram o crescimento acelerado da cidade.

Durante parte desse período (1915-1930) houve também um aumento significativo das indústrias paulistas. A imigração europeia para a cidade fez com passasse a existir uma classe empresarial e que ela recebesse um número considerável de operários qualificados para esse trabalho, dentre outras causas como a facilidade de recursos hídricos e de transporte.

A partir de 1915, com o advento da Primeira Guerra Mundial, o comércio internacional se complicou devido as medidas protecionistas utilizadas por vários países. O que gerou um aumento da industrialização, em especial da industrial de tecidos, que possuía matéria-prima fácil de ser encontrada. Em 1920 São Paulo possuía 4.145 estabelecimentos industriais e quase 84.000 operários.¹

A queda da imigração italiana começa nesse mesmo período, há uma queda com o início da Primeira Guerra Mundial e pouco depois nos anos 30, com o alinhamento dos países as regimes fascistas, as novas leis restritivas impostas pelo governo de Getúlio Vargas a imigração italiana passa a ser ínfima. O número de italianos nos censos também começam a cair devido ao falecimento dos imigrantes das primeiras levadas e seus descendentes que são nascidos no Brasil e, portanto, não são mais considerados italianos e sim brasileiros.

“Foi somente após a Primeira Guerra Mundial que nos países europeus afirmou-se o conceito de que a emigração representa uma perda para a comunidade, já que cerca de quatro quintos dos imigrantes têm idade que varia entre dezessete e cinquenta anos, e portanto pertencem as categorias mais produtivas.”²

Nesse momento, a imigração passa a ser vista com maus olhos pelos países de origem, mas anteriormente a isso, principalmente na Itália a imigração era vista como uma solução, em meio à crise econômica causada pela unificação. Os jovens que são colocados como “produtivos”, antes eram vistos como uma forma de melhorar a economia, visto que, era comum que no país de acolhimento eles iriam trabalhar e enviar dinheiro para as suas famílias.

A comunidade italiana e o Hospital Umberto Primo

¹ SUZIGAN, Wilson. **A industrialização de São Paulo: 1930-1945**. Revista Brasileira de Economia 25.2 (1971): 89-112.

² CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: " andiamo in'Merica-"**. Edusp, 2003.

A crescente comunidade italiana que vivia no Brasil criou varias formas associativas, a primeira associação beneficente italiana surgiu no Rio de Janeiro em 1854, a *Società Italiana di Beneficenza*, em São Paulo foi a *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, pouco depois foi criada a *Società Italiana de Benefienza in San Paolo* e por último em 1919 é criado o *Circolo Italiani Unite* na cidade de campinas, hoje conhecido como Casa de Saúde de Campinas.

Ainda em 1878 foi criada a *Società Italiana de Beneficenza in San Paolo*, e em 1892 foi inaugurado o hospital pertencente a essa associação. Este hospital funcionou por sete anos em um terreno localizado no bairro do Bexiga, local conhecido pela forte presença da comunidade italiana. Em pouco tempo a construção não acomodava mais o número de atendimentos, por isso em 1899 foi comprado um novo terreno, próximo à Avenida Paulista, onde foi construído o Hospital Umberto Primo³. Para a sua construção foi contratado o arquiteto Giulio Micheli⁴, um dos muitos imigrantes italianos instalados em São Paulo e que projetou o edifício d hospital seguindo os preceitos da arquitetura italiana florentina⁵. A nova sede foi inaugurada em 1904, e começou a atender em 1905 com 50 leitos⁶.

O hospital foi crido com a intenção de atender a todos, independente de raça, cor, credo ou nacionalidade, e como associação beneficente tinha o intuito de atender aos mais necessitados. Essa pratica assistencialista gerou diversos problemas administrativos e econômicos ao hospital. A principal forma de arrecadação da instituição era a doação dos sócios, quase todos membros da comunidade italiana. Um dos grandes problemas

³ O nome do hospital foi dado em homenagem ao Rei da Itália, Umberto I que governou entre 1878 e 1900, quando foi assassinado.

⁴ Giulio Micheli foi um arquiteto de origem italiana, nascido em Florença e formada em Paris. Chegou a São Paulo em 1888 aos 26 anos, e logo começou a trabalhar no escritório de outro italiano, Luigi Pucci. Além de responsável pelo hospital Umberto Primo, Micheli também fez parte dos projetos de um dos pavilhões da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e do Viaduto Santa Ifigênia.

⁵ CENNI, Franco Op.Cit.

⁶ ibidem

enfrentados foi que as doações não eram regulares, por isso em alguns momentos o hospital não teve a arrecadação necessária para suas despesas.

O hospital Umberto Primo, apesar de ser mantido por uma associação ligada a comunidade italiana, atendeu a toda a população que vivia em São Paulo. Fossem italianos, brasileiros, ou de qualquer outra nacionalidade. Apesar de algum grupos imigrantes terem suas próprias formas de assistencialismo a saúde como por exemplo, os portugueses, libaneses e alemães⁷, parte destes grupos também passaram, em menor número, pelo hospital.

Em 1924, antes da criação da Casa de Saúde Ermelino Matarazzo, da maternidade e do pavilhão pediátrico o número de italianos e brasileiros atendidos pelo hospital era muito próximo, e outras nacionalidades representavam pouco mais de 10% do atendidos.

Com o passar dos anos a quantidade de atendimentos aumentou, devido a construção das novas casas de saúde, e o número de brasileiros com relação ao de italianos também cresceu, houve também um significativo aumento dos atendimentos a outras nacionalidades. Em 1944 o número de atendimento cresceu mais de 400% com relação a 1924, ao mesmo tempo o atendimento aos italianos caiu de 968 atendimentos para 845. Esse decréscimo pode ser explicado pela diminuição da chegada de italianos ao Brasil, e de que os descendentes de italianos são considerados brasileiros.⁸

Um dos casos mais importantes relacionados tanto a ideologia da associação quanto as questões financeiras, estava relacionado ao corpo de enfermeiras do hospital que era composto por freiras que trabalhavam no hospital de forma caritativa, em 1909 foram relatados casos onde essas freiras/enfermeiras buscaram converter enfermos ao catolicismo. O regulamento interno do hospital garantia liberdade de crença, portanto as enfermeiras estariam contrariando tais normas. Foi discutido pelo Conselho do hospital e

⁷ Essas comunidades imigrantes criaram respectivamente os seguintes hospitais: A Beneficência Portuguesa, o hospital sírio-libanês, e o hospital alemão Oswaldo Cruz. Todas estas instituições, assim como o hospital Umberto Primo, se localizavam na cidade de São Paulo.

⁸ KIKUCHI, Mário Yasuo. **Concepção de Beneficência: O caso da Società Italiana di Beneficenza em San Paolo Ospedale Umberto I.** Tese (Doutorado em Sociologia), USP, São Paulo, 1997.

decido que as freiras não fariam mais parte do corpo hospitalar, após sua saída houve um grande aumento nas despesas do hospital e no ano de 1912 as freiras retornam a enfermagem do hospital.⁹

O hospital Umberto Primo atendeu a sociedade por 89 anos, durante esse longo período de funcionamento o hospital passou por diversas modificações, dentre reformas e obras de expansão, as principais foram as novas alas construídas no terreno do hospital.

O grande empresário italiano Conde Francisco Matarazzo, foi um dos grandes responsáveis por essa ampliação do hospital a partir de 1914. Nesse ano ele financiou a construção da futura Casa de Saúde Francisco Matarazzo. Em 1921 ele iniciou a construção da Casa de Saúde Ermelino Matarazzo, em homenagem a seu filho que havia morrido no ano anterior. Ambas as Casas de Saúde foram construídas de forma luxuosa para atender as classes com melhores condições financeiras. O Conde Matarazzo pretendia que a arrecadação dessas novas acomodações pudesse financiar o atendimento aos necessitados.

Ainda sobre a expansão, em 1935 foi inaugurada a Clínica Pediátrica Amélia de Camillis¹⁰, e em 1943 foi inaugurada mais uma obra de benemerência da família Matarazzo, a Maternidade Condessa Filomena Matarazzo. Que foi considerada um ícone de modernidade.

“A arquitetura, de elegantes linhas, conquanto apresente motivos clássicos, não se afasta em nenhum postulado da moderna construção, formando um harmonioso conjunto. Tudo, desde o estudo do projeto até a execução dos menores detalhes, como os moveis, foi cuidadosamente tratado, obedecendo, da melhor maneira possível, as necessidades técnicas, para colocar a maternidade na situação do mais moderno estabelecimento entre os congêneres do Brasil.”¹¹

⁹ *ibidem*

¹⁰ Amélia de Camillis era esposa de um imigrante italiano, Antônio de Camillis. Um industrial, que diversifica seus investimentos, construiu um moinho de fubá e sal, e foi um grande fornecedor de materiais para obras de saneamento público em São Paulo e Rio de Janeiro, teve também indústrias de cerâmica e de tecidos de lã.

¹¹ ACRÓPOLE, São Paulo: FAU/USP, 1943. Ano 6, nº65.

Poucos anos antes da criação da maternidade, em 1941, o hospital enfrentou um outro problema, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o alinhamento da Itália aos países que compunham o Eixo, o governo brasileiro resolveu intervir no hospital Umberto Primo.

Dentre as mudanças podemos citar a demissão de um número considerável de médicos de origem italiana que compunham o corpo clínico do hospital, e a principal interferência foi a troca do nome, o hospital deixou de se chamar Umberto Primo e foi rebatizado de Hospital Nossa Senhora Aparecida e Casas de Saúde Matarazzo. Em 1956 o hospital passa a ser denominado Hospital Matarazzo, o que criou uma situação de identificação entre o hospital e as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

Até a década de 70 o hospital se manteve apenas com as doações de beneméritos, e com os lucros obtidos pelos pacientes pagantes. A partir desse momento o hospital passou a ser conveniado ao INANPS, que posteriormente se tornou o SUS.

O hospital foi durante muitos anos um dos mais importantes hospitais de São Paulo, segundo o relatório de tombamento feito pelo CONDHEPAAT

“Desde sua fundação o hospital Matarazzo esteve entre os hospitais particulares de maior renome em São Paulo. Isso se deve não apenas a qualidade dos equipamentos e padrão de atendimento oferecido ao público, como também por seu papel no desenvolvimento da ciência médica. Até 1980 ele foi considerado um excelente espaço de formação de profissionais...Outro ponto que demonstra a importância do hospital Matarazzo é o pioneirismo. Em 1943, ali foi montado pelo Dr. Ruy Escorel Ferreira Santos o primeiro banco de sangue organizado em moldes modernos no estado de São Paulo.”¹²

Apesar de todas as benemerências e modernidades o hospital passou por muitos momentos de crises financeiras, principalmente a partir dos anos 80 e chegou a fechar

¹² SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura. Condephaat. **Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico Processo CONDEPHAAT 23.374/85**. São Paulo, 1985.

1986, tendo 580 leitos e 1650 funcionários¹³, incluindo médicos. O hospital veio a reabrir em 1988, voltando a atender e em 1993 ele foi definitivamente fechado, após uma inspeção da vigilância sanitária que interditou o local.

O conjunto de prédios que compõe o hospital Matarazzo, foi tombado pelo CONDEPHAAT em 1986, pela sua importância social e pela arquitetura de estilo italiano que marca a presença italiana na cidade. O tombamento se tornou um empecilho após seu fechamento, em 1994 foi pedido a revisão do tombamento que foi impedida uma ação civil.

Posteriormente ao seu fechamento o hospital ficou em estado de abandono, não haviam compradores para o terreno. Suas instalações foram utilizadas para exibição de peças teatrais¹⁴. E no ano de 1996 o conjunto de prédios foi comprado pela Previ (Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil), mas continuou sem uso. Em 1998 houve uma onda de ocupações dos movimentos por moradia no centro de São Paulo, e o hospital Matarazzo foi um dos prédios ocupados. Logo houve o pedido de reintegração de posse e o prédio foi desocupado. E ficou abandonado novamente, até ser vendido a um grupo de investimentos francês em 2011 por aproximadamente R\$ 117 milhões.

Entre 2013 e 2014 houve um novo pedido de revisão do tombamento que manteve a capela e a maternidade integralmente tombadas. E atualmente está em andamento a construção do empreendimento chamado de “Cidade Matarazzo”, um complexo de luxo, com hotel, shopping, centro empresarial e áreas culturais. Segundo a empresa a nova Cidade Matarazzo será:

“Charmosa e compacta, numa área verde preservada, acolhe um agradável varejo dentro de vilas inspiradas no estilo toscano, sofisticada como as melhores áreas das grandes capitais europeias, mas fincada nas raízes culturais brasileiras. Hospedar-se, viver, passear ou fazer compras nesse oásis é se entregar à descoberta do privilégio que é estar em um lugar mágico, simultaneamente histórico, contemporâneo, brasileiro e cosmopolita.”¹⁵

¹³ Ibidem

¹⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, nº14.030, outubro/1998.

¹⁵ Site: <http://www.cidadematarazzo.com.br/site/pt>

Bibliografia

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCLINI, Nestor Garcia. "O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional." **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional** 23 (1994): 94-115.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: " andiamo in'Merica-"**. Edusp, 2003.

CHARTIER, Roger. "A história cultural." **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel (1990):

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp, 2001.

COUTO, Ronaldo Costa. **Matarazzo: a travessia**. Planeta, 2004.

_____. **Matarazzo: colosso brasileiro**. Planeta, 2004.

DE LUCA, Tânia Regina. **O sonho do futuro assegurado: o mutualismo em São Paulo**. Editora Contexto, 1990.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil** (2001). São Paulo, 2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres et al. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 1997.

HUTTER, Lucy Maffei. **Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914: o processo imigratório**. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1986.

_____. A imigração italiana no Brasil (Séculos XIX e XX). **A presença italiana no Brasil**, p. 74-101, 1987.

KIKUCHI, Mário Yasuo. **Concepção de Beneficência: O caso da Società Italiana di Bebeficenza em San Paolo Ospelade Umberto I**. Tese (Doutorado em Sociologia), USP, São Paulo, 1997.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural (2009).

RUFINONI, Manoela Rossinetti. A Cidade e Seus Bens Culturais: A Dimensão Urbana da Tutela na Abordagem dos Documentos Internacionais. **Revista Projeto História** nº 40, junho de 2010. P.277

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura italiana em São Paulo**. Perspectiva, 2007.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. **Médicos italianos em São Paulo (1890-1930): um projeto de ascensão social**. Vol. 7. Fapesp, 1997.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura. Condephaat. **Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico Processo CONDEPHAAT 23.374/85**. São Paulo, 1985.

SUZIGAN, Wilson. **A industrialização de São Paulo: 1930-1945**. Revista Brasileira de Economia 25.2 (1971): 89-112.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. São Paulo, Vol. 20, n. 1, 2008.

WATANABE, E. M. . **CONDEPHAAT - Revisão do Tombamento do Hospital Umberto I**. In: VIII Seminário Nacional do Centro de Memória, 2016, Campinas. Anais do VIII Seminário Nacional do Centro de Memória da UNICAMP, 2016. v. I.